



BANDO ESCOLASTICO

Levado a effeito pelos apontados e seus contemporaneos que estudam no Porto

RECITADO EM 1 DE DEZEMBRO DE 1912, PELO ESTUDANTE

Alberto Virginio Baptista

A treva esfarrapou as azas do Levante! ..
 O Averno escancarou-se e o gigantesco Dante,
 Calando de repente os gritos de Ugolino,
 Ficou-se a escutar d'ouvido atento e fino
 Todo o ruido enorme e monstro e colossal
 Que vinha d'um rincão do velho Portugal
 E echoava pelo espaço, livre de paragens.
 Nesta terrível ária: — Ouvi, ouvi, selvagens,
 Esmurraçae Minerva e o grande Nicolau!...
 A velha tradição escangalhae-a a pau
 E mandae ao diabo os bombos e os tambôres,
 Que a *Nova Geração* não gramã esses horrores! ..
 Apar'cei como nós de ba'eiro e calção
 E vamos a jogar o bétó e o pião
 Para o largo do Lyceu ou Campo do Propósto,
 Que é esta a novidade a resumir bom gôsto!...
 Amorfalhae o que ha de sórdido e grotesco!...
 Esbarronda e o riso alvâr, carnavalesco,
 Tudo que cheire a verve, a chiste, a pagodeira,
 E vamos a correr até á Feijoeira
 Uma *estrella* gigante, de papel de seda!
 Selvagens, escutae: a vida, quando lèda,
 E' preciso rasgal-a da cabeça aos pés...
 E' viver como nós, os lyricos «bêbês»,
 A chuchar no pol'gar e a lamber o queixo
 Ou a esticar a perna ao eixo-rebandeixo!...
 Nada de tradiçôes... A tradiçô é um erro...
 A quem fizemos já o *simptuoso enterro*...
 Sallem enovaçôes pinchantes, hodiernas,
 Com a pinha no chão e pelo espaço as pernas!...
 E seremos dest'arte a *A'la dos Ingentes*,
 E até aos *Cães de Pedra* a perfeiçô das gentes!...

O silencio voltára... E o Dante, boquiaberto,
 Julgando-se talvez dum sonho mau desperto,
 Foi procurar Virgilio, o Mestre sublime.
 E contou-lhe o que ouviu como se fóra um crime...
 Mas o Mestre, serêno, respondeu-lhe, então,
 Muito pausadamente, com palavras mansas,
 Pousando-lhe no hombro a descarnada mão:
 — Deixa guinchar, ó Dante, as pálidas *creanças*!...

O' Vimaræns formôsa, ó nossa Terra Amada:
 Ha em ti o sorriso algente da Alvorada
 A espargir o Amôr e a fecundar mil beijos!...
 Nós trazemos na Alma os intimos desejos
 De te immergir um dia em rósas de Luar
 E em nossas lyras d'oiro um Poema te cantar! ..
 Muito mudada estás!... Ai! como estás mudada!...
 Não sei porque, agora, assim, modernisada.
 Esse teu pórté austêro armou-se em bisarria
 E do teu seio rompe um hymno de alegria!...
 O teu *Jardim* deixou de ser encurralado!...
 Rasgastes um passeio de cimento armado
 E vastos *escadórios*, cheios de belêsa,
 Que nos vão a indicar a loja da *Havaneza*!...
 Mais acima, lá tens, embóra em desarranjo,
 Por causa das ruinas do *convento do Anjo*
 Mais um largo a largar almudes de *aparato*...
 Depois, ó Vimaræns, já tens um *Internato*
 Onde haverá um dia a bêla *equi'taçô*
 E até, num *alguádar*, liçôes de *na'açô*...
 A Manchester tu dás na Industria pelo hombro!...
 Até a *electra moes e gelas*, que é um assombro!...
 Já *d'auto omnibus* vaes á Braga hospitaleira
 Quasi na *rapidez* duma semana inteira!...
 Fizeram tuas *feiras* uma tal mixórdia:
 Que pediu a do Pão a santa Mis'ricórdia
 E a do Gádo a larguesa ao largo «brasileiro»
 Foi o bastante, pois, para que bem ligeiro
 O S. Francisco armásse as armas tão ridiculas
 E pedisse p'ra si «Alfaias» só «Agrícolas»!...
 E a *Cadeia*, a *Cadeia*?!... Aquilo é um monumento

Que da *Sociedade* do immortal Sarmento
 Ao lado seu não vale a ponta d'im cigarro!...
 E a nossa opinião, ao vermos esse escarro,
 Onde se geram vicios, crimes, podridões,
 Era modifica-lo em jaula, p'ra leões...
 Politica, se a tens, a paz seja contigo
 E o archanjo S. Miguel te livre de perigo!...

Mas... mudando de assumpto, alfim, p'ra variar:
 Tu não sabes talvez o que nos faz chorar.
 O' nobre Vimaræns de tradiçôes vèlhinhas?!...
 Pois bem, é aquele *ac'ia'do* ali nas Capuchinhas,
 Que pelo *tic e som* e *especies maneiras*
 Tanta falta nos faz ás magras algibeiras!...

Minerva, então que é isso! Vamos... porque choras?!...
 Quando nos vês porque é, ó Deusa, que assim córas
 E o rosto teu escondes, cheia de vergonha?!...
 Ora dize-nos cá; porque é que andas tristounha,
 Tu que eras expansiva, alegre, tam vivaz?!...
 Pois bem: sabemos tudo e onde esse mal voraz
 Com raiva germinou p'ra te fazer soffrer!...
 Se Jupiter, teu pae, o chega a aperceber
 Que desgosto terá, ó Deusa da Sciencia,
 Embora logo em ti descubra a innocencia!...
 Levarem-te os «maraus» ao «Pucaro», sem dó,
 E entre as pipas, depois, deixarem te ali só
 No mais cruel desdem e abominavel trato!...
 Ah! se não fóra, não, o bom «Domingos Rato»
 A estas horas, quem sabe, ó Deusa, onde estarias?!...
 Talvez nos vagalhões terríveis das orgias,
 Perdida para sempre em densa escuridade!!
 —Bêbês sem coração! Horror! Preversidade!...

Senhoras, perdoae! Nós somos tão velhinhos,
 Que ao chorarmos a nossa loira Mocidade
 Fazemos recordar os lividos céguinhos
 A chorarem a Luz com préces de Saudade!
 Já não podemos, não, dizer-vos como outr'ora,
 Cingidos de Luar por essa Noite em fóra,
 Temendo ao buliçar dos meigos arvoredos,
 Juras feitas de Amor e divinaes Segredos!
 Ai! somos tam velhinhos! Que sandade immensa!
 Até já nos fugiu aquella santa Crença
 Que esplende a F'licidade em rútilos clarões
 E que tinhamos dentro em nossos Coraçôes
 De eternamente amarmos com o mesmo ardor!
 E tudo nos fugiu e só nos resta a Dôr:
 Os nossos coraçôes tremem com frio, ouvi...
 Afundam-se a chorar em tremedades de brejos!
 Senhoras, compaixão, levae-os até ahi
 E aquecei-os, por Deus, no fogo desses Beijos!...
 Ai! somos tam velhinhos! somos tam velhinhos,
 Que precisamos tanto, tanto de carinhos
 E pedimos humildes e leaes e francos:
 —Senhoras, afagae nossos cabellos brancos!...

Velhotes, preparar!... Eu quero os «sons» imersos
 Num bombastico mar, terrível, colossal!...
 Que até horrorisados saltem de seus «berços».
 Aos gritos pelos paes, com mil espalhafatos,
 Julgando ser o fim do velho Portugal,
 Os lyricos «bêbês», os mysticos «novatos»!...
 Rufae esses tambôres! rasgae esses zabumbas!
 Fazei estremecer os mortos e as tumbas,
 E, ouvindo esses estrondos infernaes, satânicos,
 Que tremam a «Turquia» e os «Estados Balkanicos»!...

Dezembro de 1912. Delfim de Vimaræns